

análisesclínicas

Nº 2 | ABRIL 2014
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

REVISTA DA ACTUALIDADE DO SECTOR

V CONGRESSO CIENTÍFICO ANL

TIVOLI MARINA VILAMOURA

AS GRANDES QUESTÕES,
NO MAIOR PONTO DE ENCONTRO
DO SECTOR.

José António Santos

SNS, SUBSISTEMAS,
SEGURADORAS
E PRESTADORES
PRIVADOS

Franklim Marques

REGULAÇÃO
DA CONCORRÊNCIA
ENTRE O SECTOR
PÚBLICO E PRIVADO



Triangulu
Pharma

Consultoria Contabilística e Financeira

Trabalho Temporário

Recrutamento & Selecção

Gestão de Hospedeiras

Outsourcing

Formação, Workshops e Roadshows

Merchandising

Rastreios

THINK ALONG WITH CUSTOMERS

Adaptando as nossas práticas
às necessidades dos nossos clientes



LABORATÓRIOS CLÍNICOS: A JUSTIÇA QUE TARDA EM APARECER

JOSÉ CHAVES, PRESIDENTE DA ANL

Quando entendemos ser oportuno avançar com a edição de mais um número da revista Análises Clínicas, estávamos longe de imaginar que este seria, com alguma certeza, um ano agitado para o sector como afinal nos deixam antever os recentes acontecimentos e notícias. No entanto, se pensarmos bem, estaríamos aproximadamente a seis meses de que algo acontecesse uma vez que, desde há alguns anos a esta parte, os verões do nosso sector têm sido acompanhados por algumas convulsões resultantes de medidas que os nossos principais interlocutores institucionais nos têm reservado.

Os laboratórios clínicos portugueses têm sido, ao longo de décadas, um exemplo de empreendedorismo, profissionalismo e, mais recentemente têm-se destacado também como um exemplo de responsabilidade. Que sector manteria desta forma a dignidade da actividade, o nível de empregabilidade e a noção de confiança numa altura em todos os elementos parecem ter-se unido para nos ameaçar colocando em causa aquilo que é um pilar básico do sistema de saúde que serve os portugueses há décadas? Todos reconhecemos as dificuldades dos últimos anos e os sacrifícios que nos foram pedidos enquanto empresários e cidadãos. Mas não haverá muitas empresas que tenham sabido assumir a sua parte da responsabilidade na recuperação económica para que tanto se tem trabalhado com a responsabilidade e resiliência com que os laboratórios clínicos o fizeram e continuam, dia após dia, a fazer.

Perante as sucessivas baixas de preços, os laboratórios clínicos reestruturaram-se ao limite de forma a continuar a prestar um excelente serviço de saúde de proximidade; em resposta a todas as ameaças políticas com que se vão deparando, os laboratórios clínicos mantêm o investimento numa política de qualidade sem reservas, apostando em programas de avaliação externa e em processos de certificação; e como reagir às recentes (re) ameaças de internalização? Acredito que a grande maioria dos laboratórios clínicos portugueses irão apostar ainda mais na diferenciação dos seus serviços, acreditando numa “justiça” que tarda em aparecer mas que, quando acontecer, vai permitir a todos os envolvidos nestas matérias perceberem que os laboratórios clínicos portugueses são um braço fundamental

do Sistema Nacional de Saúde, que se preocupa, que investe, que emprega, que cumpre, e que não pode sob forma nenhuma nem em resultado de uma crise económica, por mais profunda que seja, continuar a ser confundido com algo menos do que aquilo que é: um importante sector empresarial ligado à prestação de serviços de saúde.

E, onde pretende a ANL enquadrar-se perante tudo o que ameaça o sector e relativamente ao muito que haverá a fazer para levar a bom porto a nossa causa? A vossa associação estará, sempre e sem receios, onde for necessário alertar, informar, negociar, dar opinião e defender, sem reservas, os princípios que nos têm norteado desde há vários mandatos. Para além de todas as vezes em que somo pró-activos, queremos que os nossos associados contem connosco sempre que sentirem necessidade de se fazer ouvir, de questionar ou de criticar. Foram estes os pensamentos e a postura que orientaram os seus fundadores e que serão perseguidos dia após dia por esta recente empossada direcção.

Como não poderia deixar de ser, aproveitamos esta edição da revista Análises Clínicas para dar algum ênfase a um acontecimento que se aproxima – o V Congresso Científico da ANL. Acreditamos na premência de uma reunião deste tipo que versará sobre importantes e actuais temas científicos, mas que procurará também levar a discussão para aspectos sociais, políticos e económicos que tanto nos preocupam a todos.

A bem de um sentido de justiça que as diferentes equipas que têm passado pela direcção da ANL sempre mantiveram, cumpre, de forma sentida, deixar uma palavra de reconhecimento por aquilo que foi a presidência do Eng. António Taveira durante os dois anos em que habilmente e com entrega pessoal, liderou a nossa direcção.

Desejamo-vos tempos mais calmos, connosco, esperando que ao prepararmo-nos em conjunto para eventuais dificuldades, possamos esperar alguma bonança e o merecido reconhecimento social e institucional.

22 ▶

EM FOCO
Especial
V Congresso
Científico ANL



◀ 28

HISTÓRIA
DAS ANÁLISES
CLÍNICAS
José Manuel Morais

40 ▶

LAZER
Vantagens para
os associados ANL



ENTREVISTAS

- 6 ENTREVISTA
DE ABERTURA
José António Santos
Director Clínico da Multicare
- 28 HISTÓRIA DAS ANÁLISES
CLÍNICAS
José Manuel Morais
Laboratório de Patologia Clínica Prof.
Ernesto Morais
- 36 NA AGENDA DE...
Germano de Sousa
Presidente do V Congresso
Científico da ANL

ACTUALIDADE

- 12 ASSOCIADOS
Laboratório António Mergulhão
- 20 NOVIDADES
FORNECEDORES
- 22 EM FOCO
V Congresso Científico da ANL

OPINIÃO

- 18 AS PRIORIDADES
de **Artur Osório**
Presidente da Direcção da Associação
Portuguesa de Hospitalização Privada
- 42 EM MEMÓRIA
Fernando Paes Coelho Teixeira
- 44 PÚBLICO VS PRIVADO
Franklim Marques
Presidente do Colégio de Especialidade
de Análises Clínicas da Ordem
dos Farmacêuticos

UWA, SABE O QUE É? UMA VERDADEIRA INOVAÇÃO.

Brevemente...

entrevista de abertura

“Os movimentos já desencadeados e em curso levarão seguramente a um emagrecimento do sistema público, que conviverá com um sistema privado eventualmente mais depurado e reorganizado, mas seguramente estável e com cada vez mais importância.”

José António Santos
Director Clínico da Multicare

Ao contrário do que se tem verificado com a economia, os Seguros de Saúde têm crescido em Portugal. Tal fica a dever-se, segundo José António Santos, à “grande apetência pelos seguros de saúde decorrente da cada vez maior literacia em saúde, da população”. Para o Director Clínico da Multicare, as crescentes dificuldades no acesso ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) estão também a contribuir para este crescimento.

Nesta entrevista, fala-nos dos desafios profissionais, da qualidade do diagnóstico em Portugal, que considera estar “na dianteira” em termos internacionais e de qual deve ser o papel do serviço público de Saúde, bem como de subsistemas como a ADSE, seguradoras e prestadores privados.



“O peso da valência de Patologia Clínica é grande, constituindo a 2ª mais importante dentro do chamado ambulatório.”

A evolução dos seguros de saúde e da população segurada no nosso país tem sido muito significativa, nos últimos anos. Como lê esta evolução?

Dentro da actividade seguradora os Seguros de Saúde têm apresentado um comportamento de crescimento sustentado, contrário à evolução da actividade económica em geral e a outros ramos de seguros em particular.

Neste momento, dentro do chamado Ramo Não Vida, são já o 2º ramo. O que é notável pois trata-se de um seguro não obrigatório, tendo ultrapassado já o ramo de Acidentes de Trabalho, este sim obrigatório.

São sinais que comprovam a grande apetência pelos seguros de saúde decorrente da cada vez maior literacia em saúde, da população, a qual valoriza muito este produto, associada naturalmente às dificuldades de acesso e outras que cada vez se verificam mais no Serviço Nacional de Saúde.



Num mercado em que a oferta é vasta, de que forma se sustém essa relação de confiança com os utentes? Quais as mais-valias mais importantes?

A Multicare sendo líder de mercado tem uma responsabilidade acrescida. A manutenção e reforço dessa liderança comprovam que a aposta numa oferta global e integrada, num serviço de excelência e orientado para a satisfação do Cliente, bem como a disponibilização de uma Rede Médica dimensionada e credenciada para uma resposta de qualidade, são mais-valias percebidas pelo Cliente.



Na sua opinião, a situação económica do país está a condicionar o acesso individual aos cuidados de saúde? E no que toca à rede privada de cuidados de saúde, esta surge como alternativa, ou também aqui se verificam alterações no acesso?

A rede privada de cuidados de saúde tem tido um aumento substancial nos últimos anos com uma oferta não só em quantidade como em qualidade.

Os desafios actuais que exigem cada vez mais eficiência a todas as organizações, seguramente que colocam dificuldades acrescidas a essa oferta de serviços privados de cuidados de saúde. Tal condiciona algum efeito de concentração de oferta, obtendo daí economias de escala e ganhos de eficiência necessários para actuar num mercado cada vez mais competitivo.

Deste movimento resultará necessariamente uma reorganização do mercado da oferta privada de saúde, o qual se adaptará às exigências actuais, redimensionando-se num fenómeno de selecção natural no qual os mais fortes e com mais qualidade prevalecerão.

“A Multicare sendo líder de mercado tem uma responsabilidade acrescida.”

Entre as entidades com acordos com as seguradoras, o peso dos Laboratórios de Análises Clínicas tem bastante expressão. Para a Multicare, qual é a importância da rede nacional de Laboratórios, em termos de diversidade geográfica, proximidade com os utentes; equipamentos, rapidez e critérios de qualidade?

O peso da valência de Patologia Clínica é grande, constituindo a 2ª mais importante dentro do chamado Ambulatório. Daí a necessidade de encontrarmos plataformas de entendimento que permitam manter a sustentabilidade do financiamento da prestação a médio e longo prazo.

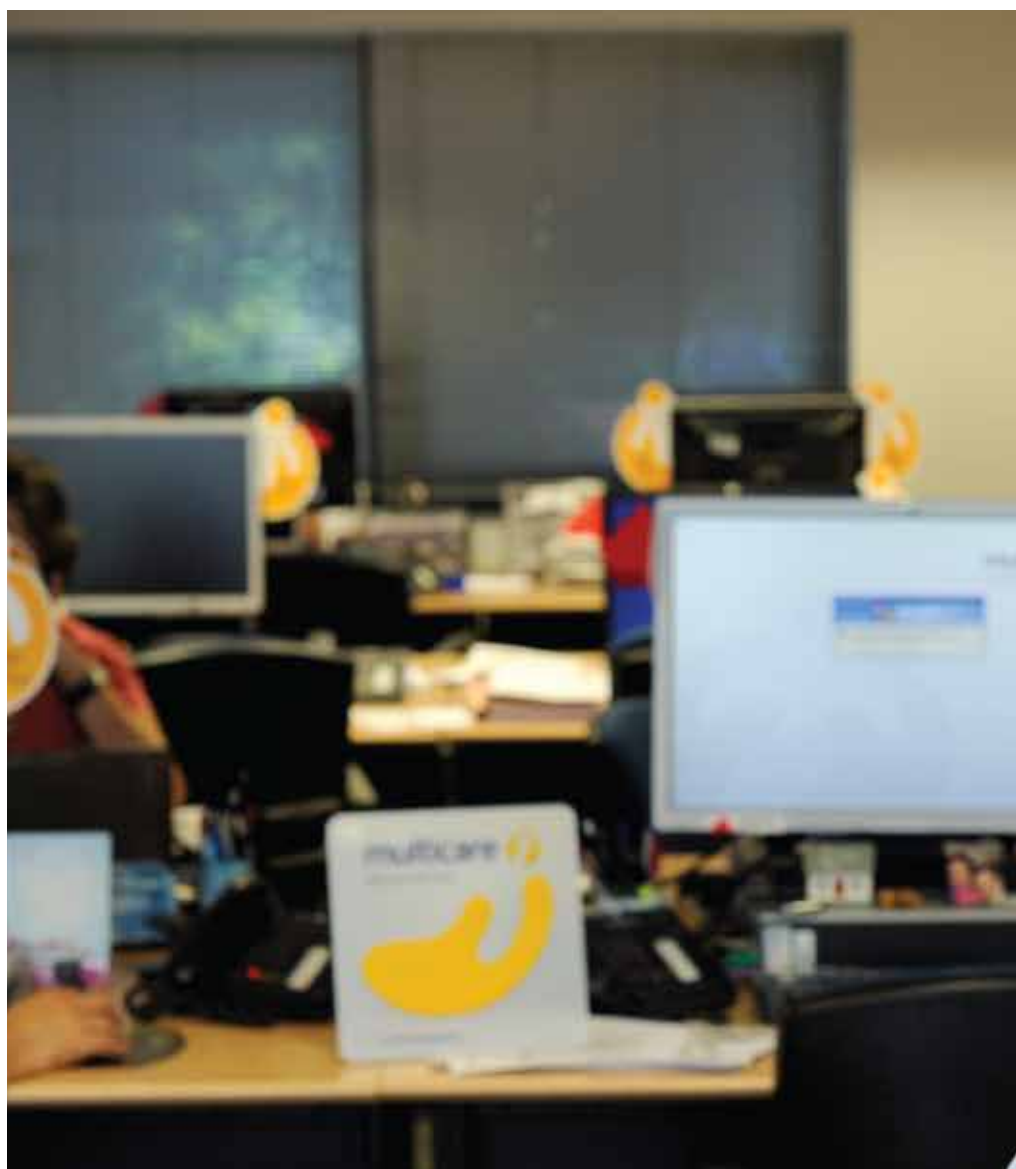
Sendo um sector que se diferencia pelo elevado avanço tecnológico e exigências de qualidade, tem sido um parceiro fiável e de confiança ao longo dos anos assegurando elevados padrões de qualidade e uma rede nacional moderna e de fácil acesso. Estamos seguros que esta diferenciação do sector bem como as eventuais adaptações que encetou e prosseguirá em termos de escala, eficiência, etc. permitirão perpetuar esta ligação que na nossa opinião será cada vez maior e mais intensa.

Como vê o estado da arte em Portugal no que toca ao diagnóstico, face ao que existe no estrangeiro?

Neste, como noutros sectores da área médica, Portugal está na dianteira. Oxalá outras áreas de actividade se pudessem orgulhar do mesmo.

O que falta fazer?

Continuar no caminho da excelência e da qualidade, melhorando continuamente e sendo cada vez mais eficientes.



Olhando o futuro, qual acha que deve ser o papel do serviço público, de subsistemas como a ADSE, seguradoras e prestadores privados? É possível trabalhar em parceria para atingir um sistema de saúde mais eficiente e sustentável?

Em Portugal e por enquanto os seguros de saúde são complementares e não alternativos ao SNS. Tal como no caso da ADSE, actualmente alvo de grande discussão, alguns cidadãos possuem

uma dupla (ou tripla) cobertura para a qual pagam um prémio para além dos descontos que fazem em termos de IRS e que financia o SNS. Por isso, beneficiam de acesso a uma rede privada de saúde. Para além do tema da ADSE, que tem várias e vastas implicações políticas e sociais, o tema dos seguros de saúde terá os desenvolvimentos naturais que resultarem da cada vez maior dificuldade de acesso no público, bem como de eventuais alterações legislativas que clarifiquem a questão das duplas coberturas.



“Neste como noutros sectores da área médica, Portugal está na dianteira. Oxalá outras áreas de actividade se pudessem orgulhar do mesmo.”

Na sua perspectiva, quais vão ser as grandes matérias a discutir na saúde nacional nos próximos tempos?

Creio que é consensual o papel fundamental que teve o SNS nos últimos 30 anos para atingir os padrões de saúde que temos neste momento e que nos colocam no pelotão da frente dos países desenvolvidos.

Sendo inquestionável o seu papel e a sua manutenção, a discussão neste momento – agravada pela questão da crise – coloca-se na sua dimensão e na sua eficiência.

Os movimentos já desencadeados e em curso levarão seguramente a um emagrecimento do sistema público, que conviverá com um sistema privado eventualmente mais depurado e reorganizado, mas seguramente estável e com cada vez mais importância.

José António Santos

É actualmente Director Clínico da MULTICARE, SA Seguros de Saúde. Foi docente na Universidade Atlântica de 2007 a 2009 e consultor da ACSS de 2007 a 2008. De 1995 a 1997 foi Vogal Médico do INFARMED, e entre 1989 e 2007 foi Director Médico e Director Geral na Indústria Farmacêutica. É Membro da Ordem dos Médicos, da AMPIF- Associação dos Médicos Portugueses da Indústria Farmacêutica e Fellow da Faculty of Pharmaceutical Medicine of the Royal College of Physicians of the United Kingdom. Licenciou-se em Medicina pela Universidade Clássica de Lisboa em 1984. Fez o Internato Complementar de Medicina Interna nos HCL de 1987 a 1989 e completou o Programa Avançado de Gestão na Universidade Católica em 2001/2002. Nasceu em Lisboa no dia 13 de Fevereiro de 1960.

LABORATÓRIO ANTÓNIO MERGULHÃO

TRÊS DÉCADAS A APOSTAR NA QUALIDADE E PROXIMIDADE

Quando iniciámos o planeamento desta segunda edição da revista “Análises Clínicas” foi consensual entre nós que a rubrica habitualmente dedicada a dar a conhecer o trabalho dos associados da ANL, seria nesta edição ocupada pelo Laboratório António Mergulhão. Presidente da sua Assembleia Geral entre 2006 e 2010, António Mergulhão era para a ANL uma figura muito próxima, respeitada, e um amigo de muitos anos. Foi assim com enorme pesar e consternação que a ANL recebeu a notícia do seu falecimento súbito.

António Mergulhão tinha recebido a nossa equipa de reportagem apenas mês e meio antes. Como lhe era característico, foi com grande hospitalidade e entusiasmo que colaborou na entrevista e sessão fotográfica, falando com orgulho do trabalho que desenvolveu em mais de três décadas, sempre com um espírito positivo e empreendedor, que se reflectia também nos seus planos para o futuro. António Mergulhão teve ainda a oportunidade de aprovar ele próprio o texto que resultou dessa reportagem. Por essa razão, foi decidido que as linhas seguintes não seriam em nada alteradas, mantendo-se a intenção inicial da publicação da reportagem exactamente como foi dada a aprovar ao próprio.

A ANL, com o acordo da família mais próxima, acredita que a divulgação do trabalho de António Mergulhão, dos seus valores e entusiasmo, bem como dos ensinamentos que deixa para o sector, são uma homenagem justa e merecida a um amigo, cuja partida prematura lamentamos profundamente.

Direcção ANL

Fotografia: Rafael Antunes



Aos 64 anos, António Mergulhão tem mais de metade da sua vida dedicada às análises clínicas. No seu escritório, num ambiente que respira simpatia, conta-nos com orgulho a história de um laboratório que começou com uma pessoa, num pequeno espaço, e que hoje conta com duas dezenas de colaboradores. Hoje, o Laboratório António Mergulhão ocupa uma área que ultrapassa os trezentos metros quadrados, distribuídos por três andares no prédio número dois, da rua Dr. Manuel de Almeida, em Portimão. Isto, sem contar com os restantes 10 postos de colheita espalhados por todo o distrito de Faro.

Foi Presidente da Assembleia Geral da Associação Nacional de Laboratórios entre 2006 e 2010, Presidente do Conselho Fiscal da Associação Portuguesa de Analistas Clínicos entre 2002 e 2008, entre outros. Conta com orgulho que o que “ontem” se fazia com recurso a pipetas, hoje faz-se com auto-analisadores de última geração por forma a garantir sempre os melhores resultados, aos cerca de 100 utentes que diariamente frequentam o laboratório.

Uma história contada em volta das análises clínicas

Filho de mãe farmacêutica, António Mergulhão deixa o Algarve, após concluir o liceu, e parte rumo a Lisboa. Em 1973 termina a licenciatura em Ciências Farmacêuticas, fazendo de seguida uma pós-Graduação em Análises Clínicas, pela mão de técnicos especializados do Instituto Pasteur, de Paris. É então em 1976 que obtém o título de especialista em Análises Clínicas, ano em que funda o seu próprio laboratório. “Comecei num espaço pequeno, sozinho, pois não tinha funcionários. Eu atendia o telefone, limpava o material, tratava de tudo”, afirma com o orgulho próprio de quem cria um negócio a partir do nada e trabalha toda uma vida para o fazer crescer. Naquela altura as coisas não foram nada fáceis, garante.



O material tinha que ser lavado e esterilizado, e não havia recursos para tecnologias de ponta. “Eu não tinha dinheiro para comprar um auto-analisador e por isso toda a parte laboratorial era feita com recurso a pipetas e a frascos de pipetas”, afirma. Além disso, António Mergulhão estava a concorrer com outro laboratório, com alicerces já fundados. “Havia um laboratório onde eu trabalhei, que já tinha nome feito e, como tal, tive que trabalhar muito. Entrava às oito da manhã e só saía muito depois da meia-noite”, afirma. Mas o trabalho e a dedicação compensaram, e aquele que começou por ser um pequeno projecto ganhou a dimensão e o renome que conhecemos nos dias de hoje. “Começámos no 3º andar esquerdo, depois como crescemos e deixámos de ter espaço, apanhámos o direito e avançámos para o quinto andar e hoje já contamos com duas dezenas de colaboradores”.

“Comecei num espaço pequeno, sozinho, pois não tinha funcionários. Eu atendia o telefone, limpava o material, tratava de tudo”.

Das pipetas para os auto-analisadores

Em apenas quatro anos o Laboratório de Análises Clínicas Dr. António Mergulhão conseguiu substituir os primitivos meios de análise por tecnologia de vanguarda, o que permitiu acelerar infinitamente o processo e responder ao crescente número de solicitações. E tudo começou com um ABBA 100. “Numa viagem que fiz ao Canadá visitei um laboratório que tinha umas máquinas da Abbot que tinham uma capacidade de resposta enorme, até maior do que a que eu precisava. Quando regresssei a Portugal descobri que havia uma representação da marca em Espanha e fui lá negociar uma máquina para o meu laboratório”, afirma com orgulho. Trouxe então o primeiro auto-analisador Abbot a operar em terras lusas, que representou um enorme avanço para o laboratório, uma vez que grande parte da bioquímica era feita no processo.

Depois deste veio um auto-analisador de bancada, e mais outros se lhe juntaram, desta feita mais modernos, melhores e com maior capacidade de resposta. Mais tarde a Abbot Diagnóstico acabou por se instalar em Portugal, muito graças à intervenção do Laboratório.

Os técnicos eram “feitos” no laboratório

Se hoje é preciso um grau académico para ser técnico de análises clínicas, nem sempre foi assim. “Na altura em que começámos não havia muitos técnicos de análises clínicas, muito menos na província”, recorda António Mergulhão, “por isso os técnicos eram basicamente feitos no laboratório”. Com a abertura da Universidade do

Algarve vieram também os cursos ligados à saúde, entre eles o Curso Técnico de Análises Clínicas e Saúde Pública, o que permitiu um recrutamento muito mais especializado. “Hoje, para além dos licenciados em análises, tenho também uma colaboradora licenciada em Bioquímica e outra até em Recursos Humanos. Tenho apenas dois técnicos de outros tempos e que não têm curso superior, todos os outros são licenciados”, refere.

Conhece-os a todos, pessoalmente, dos mais antigos às mais recentes contratações. “Sei os nomes de todos eles, vejo-os todos os dias e tenho uma relação muito próxima com todos eles”, diz com emoção. “Tenho um enorme respeito por todos, porque foram eles que me ajudaram a construir este laboratório e a fazer dele aquilo que é hoje”, acrescenta.

EM 2008, A CIDADE DE PORTIMÃO ATRIBUIU A ANTÓNIO MERGULHÃO A MEDALHA MUNICIPAL DE MÉRITO GRAU OURO, COMO RECONHECIMENTO PELO TRABALHO PRESTADO À POPULAÇÃO DA REGIÃO.



Aposta forte na garantia de qualidade

O Laboratório de António Mergulhão é um exemplo de qualidade e excelência nos serviços que diariamente presta aos utentes. Essa qualidade é garantida pelos programas internos e externos que são implementados anualmente, quer pela repetição das análises que

estão na “grey-line”, quer até pelo número máximo de utentes atendidos num dia. “Nós temos um tecto de 100 pessoas por dia no laboratório. Só em casos excepcionais ultrapassamos esse número, como nos casos de urgências”, afirma, garantindo que este é um dos requisitos para a manutenção da qualidade dos serviços.

O reconhecimento dessa qualidade e serviço prestado está patente nos prémios que o laboratório tem arrecadado ao longo dos anos. Em 2004 foi atribuído ao Laboratório de Análises Clínicas Dr. António Mergulhão, pela Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica, o Prémio S. P. A. I. C./AstraZeneca, por trabalho na área da alergologia.

Em 2008, a cidade de Portimão atribuiu a António Mergulhão a Medalha Municipal de Mérito Grau Ouro, como reconhecimento pelo trabalho prestado à população de Portimão. Já este ano, no âmbito do programa Fin cresce do IAPMEI, o Laboratório obteve o estatuto de PME Líder 2012. De referir ainda que se encontra duplamente certificado, desde 2004 pela norma ISO 9001:2000, mais recentemente 9001:2008, e pelas Boas Práticas Laboratoriais.

“Atendemos à volta de 100 pessoas por dia no laboratório. Em casos excepcionais ultrapassamos esse número, como nos casos de urgências”.



Do “boom” no acesso aos MCD à conjuntura actual

Depois de 1974, com o novo regime democrático muita coisa mudou no acesso aos cuidados de saúde, e se antes era impensável para o cidadão comum chegar a um laboratório e pedir uma simples análise à glicémia, hoje em dia isso já se tornou banal. António Mergulhão regressa à década de 70, para explicar como foi importante a evolução do sector desde essa altura. “Como houve alterações profundas no Ministério da

Saúde, a partir dessa altura e nos anos seguintes a procura por meios complementares de diagnóstico teve um aumento enorme, e como tal os laboratórios tiveram que crescer para dar resposta ao cada vez maior número de utentes”, refere. Esse crescimento implicou em muitos casos investimentos avultados em meios humanos e técnicos, e uma grande aposta na qualidade, até porque como garante António Mergulhão, “é impensável um laboratório de qualidade não se afirmar pela qualidade do seu trabalho”.



“Vai ser penoso ver os jovens terem que emigrar para conseguirem as oportunidades que Portugal não lhes vai dar”.

No entanto, a conjuntura dos últimos anos trouxe consigo, não só reduções ao nível dos preços praticados nas tabelas dos convencionados, mas ainda uma diminuição considerável de utentes nos laboratórios e também o de António Mergulhão sentiu essa quebra. “O Estado baixou as comparticipações e isso fez com que menos gente consiga ter o acesso que tinha aos meios complementares de diagnóstico”, refere, acrescentando que “as pessoas que podem pagar viram-se agora para seguros de saúde, mas o Estado terá que apoiar quem efectivamente não pode pagar um seguro de saúde”.

Quando lhe perguntamos sobre o que espera para o futuro, António Mergulhão faz uma pausa antes de confessar que está sobretudo na expectativa de ver como a situação evolui. “Os laboratórios estão a passar por um período muito difícil e não perspectivamos uma melhoria nos próximos tempos. O país não vai acabar, mas nós vamos ter que aprender a baixar o nível de vida”, garante, acrescentando que vai ser penoso “ver jovens, que estão a vir muito bem preparados das Universidades, terem que emigrar para conseguirem as oportunidades que Portugal não lhes vai dar.”





B.I.

O Laboratório Dr. António Mergulhão conta com uma equipa de 20 colaboradores e atende cerca de 100 pessoas por dia. Para além do laboratório, tem 10 postos de colheita espalhados por todo o distrito de Faro. Dispõe ainda de uma frota de 8 viaturas que garante as recolhas nos postos de colheita, domicílios, no caso de doentes acamados, e em lares de idosos. O laboratório faz análises nas seguintes valências:

- Bioquímica
- Hematologia
- Microbiologia
- Imunologia
- Endocrinologia
- Monitorização de Fármacos
- Toxicologia Clínica

Contactos
Laboratório Dr. António Mergulhão
Rua Dr. Manuel Almeida, nº2 - 3º
8500-666 Portimão

Tel: 282 413 363
Fax: 282 413 366
<http://www.antoniomergulhao.pt>



AS PRIORIDADES DE ARTUR OSÓRIO

Presidente da Direcção da Associação Portuguesa de Hospitalização Privada



1 Ver o Estado Português dimensionado para um papel de garante da saúde dos portugueses. O Estado hipertrofiado, que procura assumir todas as funções (financiador, prestador, auditor e regulador) dificilmente cumprirá o seu papel, criando uma cadeia de ineficiências e iniquidades. Até valores que poderiam estar na base da sua assunção de responsabilidades acabam por ser subvertidos, gerando injustiças e assimetrias na prestação de cuidados que são bem patentes no Sistema de Saúde Português. É premente que o financiamento na saúde seja feito por um mecanismo de “terceiro pagador”.

2 Despolitizar e despartidarizar a saúde. O direito à saúde é um direito de cidadania assumido de uma forma generalizada na Europa. O direito constitucional exprime-o mas não referencia o Estado como o prestador onipresente. Tratam-se de falsas bandeiras ideológicas que se aliam às mentes estáticas e formatadas que temem a evolução e impedem reformas que favoreçam a liberdade de escolha e a concorrência. Em tempos de penúria, será justo negar cuidados à população por quem tem condições de os fazer melhor e mais barato, como acontece com o sector da hospitalização privada?

3 Acabar com desigualdades nos processos de licenciamento e no acesso ao sector privado. Os doentes deste País são discriminados ao serem tratados em Unidades Públicas ou do Sector Social sem que estas tenham condições de segurança física, uma vez que estão dispensadas de cumprirem formalidades de segurança e licenciamento a que as unidades privadas estão sujeitas. Também é intolerável que no acesso a cuidados, como o SIGIC, pagos pelo Estado, haja uma discriminação a favor das Misericórdias que inexplicavelmente têm um estatuto de favor

sem terem de cumprir quer preceitos de segurança, quer requisitos fiscais, que o sector privado assume. É intolerável que num País de economia livre, integrado na União Europeia, não se cumpram regras de concorrência e de equidade.

4 A saúde é uma actividade de intensa relevância económica. Os hospitais, enquanto empresas, devem ter os ciclos de vida de qualquer organização com relevância social. A sua actividade nos produtos que vende (actos médicos) ou nos produtos que compra (medicamentos, consumíveis, equipamentos e dispositivos médicos) não deve resultar de circunstâncias unilateralmente impostas mas, pelo contrário, derivar de negociações entre as partes envolvidas. As tabelas impostas são reminiscências de práticas económicas autoritárias.

A evolução do SNS para um Seguro de Saúde Público facilitará a liberdade de escolha dos cidadãos e preparará melhor o País para as directrizes comunitárias em relação aos cuidados transfronteiriços, que entram em vigor a partir de Outubro próximo.

5 Entregar a gestão de alguns hospitais públicos ao Sector Privado que tenha experiência e conhecimento na matéria. Referencio, por exemplo, as Unidades Locais de Saúde, financiadas por capitação, que seriam um excelente início para evidenciar as virtudes de uma gestão mais eficiente e responsável. Simultaneamente, é necessário aprofundar os sistemas de informação que permitam uma auditoria e acompanhamento competentes das concessões. A nível local é muito mais fácil implementar programas de prevenção da doença e acompanhamento de doenças crónicas. Também é fundamental reforçar camas dedicadas a cuidados continuados e paliativos, domínios em que sector privado e privado /social poderão ter um papel relevante.

ELECSYS® VITAMIN D TOTAL ▶

A Roche Diagnostics oferece uma solução eficiente e totalmente automatizada para a avaliação da **25-Hidroxi Vitamina D total**.

A vitamina D é um elemento importante para a saúde humana, sendo essencialmente sintetizada na pele por acção da exposição solar. A deficiência de vitamina D está relacionada com alterações do metabolismo ósseo no entanto, nos últimos anos, vários estudos têm associado esta deficiência a outras patologias, como o cancro, doenças cardiovasculares e a diabetes. Dentro deste contexto, a procura do teste de vitamina D tem aumentado nos últimos anos pelo que a eficiência das plataformas analíticas cobas disponíveis num grande número de laboratórios, permitirá responder a esta necessidade, através da integração do teste da Roche no fluxo de trabalho.

O teste Vitamina D total da **Roche** é um dispositivo médico para diagnóstico in vitro, que faz a determinação quantitativa da vitamina D total em soro e plasma humanos e avalia as duas formas, a D2 e a D3, auxiliando na identificação de pessoas com deficiência de vitamina D e na monitorização da terapêutica de suplementos de vitamina D. O teste Vitamina D total utiliza a tecnologia patenteada de detecção por electroquimioluminescência (ECL) e foi padronizado contra o método LC MS/MS, que por sua vez, foi calibrado com os padrões de referência do NIST (National Institute of Standards and Technology) traduzindo-se em resultados precisos e exactos e, consequentemente em melhores decisões clínicas



por sua vez, foi calibrado com os padrões de referência do NIST (National Institute of Standards and Technology) traduzindo-se em resultados precisos e exactos e, consequentemente em melhores decisões clínicas.

A integração do teste Vitamina D total da Roche na rotina do laboratório contribui para melhores resultados clínicos dos doentes.

Informação destinada a Profissionais de Saúde. Aconselhamos a ler cuidadosamente a rotulagem e as instruções de utilização antes de utilizar o dispositivo médico.



ALTERAÇÕES DA AUTORIDADE TRIBUTÁRIA E IMPACTO NAS EMPRESAS: A IMPORTÂNCIA DA CONSULTORIA CONTABILÍSTICA E FINANCEIRA

Tendo em conta as condições adversas da economia portuguesa, considerando as recentes alterações impostas pela Autoridade Tributária e a necessidade das empresas serem cada vez mais competitivas e produtivas e os impactos da escassez de liquidez no mercado, a **TRIANGULU** fornece um serviço integrado de Consultoria Contabilística e Financeira com um adequado acompanhamento administrativo e financeiro e um efectivo conhecimento dos resultados reais da atividade em tempo útil e um necessário rigor contabilístico, garantias fundamentais de qualidade para fazer face às exigências dos seus clientes nos dias que correm.

Neste âmbito, a **TRIANGULU** assegura o processamento contabilístico e salarial e o cumprimento das obrigações fiscais; desenha um conjunto de relatórios de informação de gestão, a serem desenvolvidos de forma tailor made, que permita acompanhar e, efectivamente, conhecer a atividade, a sua evolução, os seus resultados, a sua situação patrimonial, entre outros; garante acompanhamento especializado na área financeira e da gestão por forma a poder planear e acompanhar adequadamente a atividade assim como planificar, antecipar e programar

decisões de gestão para os períodos seguintes e realiza acompanhamento de processos de reestruturação e de saneamento financeiro. A **TRIANGULU Pharma**, criada em 2012 por iniciativa de um conjunto de consultores com forte experiência no sector farmacêutico, saúde e serviços relacionados, disponibiliza um vasto leque de serviços a par de uma filosofia **“Think along with customers”**, adaptando as suas práticas às reais necessidades dos clientes. Com uma equipa multidisciplinar concebe, implementa e desenvolve soluções para Clínicas; Laboratórios; Farmácias; Hospitais; Indústria Farmacêutica e Profissionais de Saúde. Para além da área de Consultoria Contabilística e Financeira, entre as valências disponíveis inclui-se a Formação e Workshops ao nível inter e intra empresas, especificamente nas áreas Comportamental de Atendimento e Serviço ao Cliente; Vendas; Qualidade, Ambiente, Higiene e Segurança no Trabalho, Informática e Coaching, bem como garante também respostas nas áreas de Trabalho Temporário; Recrutamento e Selecção, Outsourcing de recepções, entre outros.



ROTEIRO PELO PROGRAMA DO V CONGRESSO CIENTÍFICO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Carlos Cardoso, Comissão Científica

O programa do V Congresso Científico foi definido e construído de forma inclusiva e muito equilibrada. Destacar um tema seria sinónimo de destacar uma valência de laboratório, quando este é um todo. Destacar uma mesa redonda seria colocar o ênfase num único desafio ou ameaça, quando todos deverão ser incluídos na reflexão realista e racional em torno do Laboratório de Análises Clínicas. Não podendo ser redutor, destaco até pela dimensão que lhe foi atribuída, o tema de abertura e a lição de sapiência. Nem preciso será, fazer referência aos palestrantes que em boa hora aceitaram o nosso desafio, antes à relevância e oportunidade dos assuntos. Senão vejamos: o tema de abertura, Política da Saúde e futuro do sector privado no quadro do SNS, abordará a essência do próprio laboratório enquanto objecto social, para logo de seguida, a lição de sapiência, laboratório e medicina baseada na evidência, reflectir sobre o papel e o valor do Laboratório de Análises Clínicas. Poderia haver melhor começo para uma reunião magna sobre Laboratórios de Análises Clínicas? Não restam dúvidas.

Do Simpósio Diagnóstico Pré-natal e Patologia Molecular, destaco o ênfase com que é abordada a temática científica num duplo contexto – o da prevenção e da focalização no utente. Se há área onde a intervenção do laboratório pode prevenir custos directos e indirectos é na vigilância da grávida. Se há exemplo de avanço técnico, científico e metodológico é na disponibilização de novos testes visando cada vez mais uma intervenção não invasiva para a mulher e uma evidência cada vez com maior qualidade (menos resultados falso negativos e/ou positivos) e mais precoce (a tempo de decisão médica, aconselhamento do casal e intervenção). O simpósio encerra com uma visão das potencialidades quase infinitas que uma nova abordagem metodológica traz ao estudo das doenças com base genética.

O Simpósio de Hematologia dá protagonismo a outra vertente analítica também ela com um enorme valor acrescentado que é a questão da Segurança da Transusão. Aborda ainda a Coagulação, área de enorme relevância e por vezes esquecida no âmbito desta valência. Fá-lo através de dois ângulos perfeitamente complementares, o da fase pré-analítica (e se há análises que sofrem influência da fase pré-analítica e pré-pré-analítica todas as do estudo da coagulação são bons exemplos) e a actualização de conceitos da anticoagulação oral, dando ênfase aos principais problemas colocados na interpretação e validação das provas. O simpósio encerra com uma panorâmica do PNAEQ que nos dará uma visão do estado da arte da Hematologia nos laboratórios portugueses.

O Simpósio de Microbiologia tem por tema resistências a antimicrobianos. Poderia não acrescentar mais nada que o título do simpósio falaria por si. Um dos maiores desafios do presente é o uso racional dos antibióticos. Este problema é transversal à Saúde e extravasa o âmbito exclusivo dos profissionais da Saúde, para invadir outras áreas da sociedade. Mas no Congresso em concreto vamos abordar o assunto em relação ao seu impacto em Saúde Pública, recordar os principais mecanismos de resistência dos microrganismos, para podermos discutir e lançar estratégias de prevenção.

Finalmente contamos com a experiência dum grande hospital central nesta matéria. Dificilmente este simpósio deixará de concluir que o laboratório de Microbiologia não só tem um papel fundamental nesta estratégia preventiva, como tem um incalculável valor acrescentado. O retorno último será devolver à Sociedade um perfil de resistências que permita um futuro sem sobressaltos, já que novas moléculas com acção antibiótica não se vislumbram a curto prazo. Haverá melhor contributo e legado da medicina? Duvido. E só com mais e melhor laboratório Clínico o objectivo será alcançado. Só com mais diagnóstico microbiológico directo e com menos terapia empírica sem recurso a laboratório.

As doenças autoimunes vão ser a estrela do Simpósio de Imunologia. Mais uma vez uma abordagem a doenças emergentes onde o laboratório de Análises Clínicas tem dado um contributo decisivo para o seu diagnóstico e investigação. Se há área em que a detecção e caracterização de entidades nosológicas bem definidas depende do laboratório, são as doenças autoimunes. Dentro do imenso universo da autoimunidade daremos uma espreitadela às miopatias inflamatórias e às doenças neurológicas mediadas por anticorpos, fazendo uma revisão e actualização dos conceitos teóricos, sempre enquadrados pela aplicação prática, através da apresentação de casos clínicos.

Finalmente o Simpósio de Bioquímica, que permitirá fechar com chave de ouro os trabalhos científicos do V Congresso. Inicia-se com a revisita a um tema recorrente do laboratório clínico, mas para colocar o foco na importância da padronização e calibração tendo em vista a obtenção de resultados válidos para poderem basear decisão de qualidade, tendo por base algoritmos e níveis de decisão clínica. Trata-se duma abordagem que é transversal a toda a actividade laboratorial, aqui exemplificada em concreto para uma técnica. Nada do que é a actividade do Laboratório faz sentido sem uma forte ligação à Clínica. Os laboratórios (agora por vezes deslocados) jamais devem estar desligados, afastados, isolados do processo de construção do diagnóstico, pelo Médico. O segundo tema deste simpósio vai demonstrar isso mesmo e levar a tese ao limite envolvendo várias disciplinas, competências e especialidades na decisão e aconselhamento pré-natal. A Bioquímica é das áreas de maior actividade e de maior automação e mesmo robotização no Laboratório de Análises Clínicas. Desta forma faz todo o sentido dentro do seu simpósio extravasarmos os limites da ciência metodológica, para invadirmos os da gestão e organização tecnológicas. Será uma boa maneira de terminarmos o V Congresso, abordando temas de ruptura rumo ao Laboratório do futuro.

*“O Sector tem que ser
respeitado por tudo aquilo
que já fez e, fundamentalmente,
por tudo aquilo que faz
e se propõe fazer no futuro”*

José Chaves, Presidente da ANL

No momento em que regressa o Congresso Científico das Análises Clínicas e no início de mandato de uma nova direcção da ANL, a entrevista a José Chaves.

Fotografia: Rafael Antunes



Porque decidiu a ANL retomar a realização de um Congresso Científico?

Ainda que o país esteja a recuperar de uma fase menos boa, a que o nosso sector não foi alheio, acreditamos que se impôs não descurar a vertente da formação, tão importante hoje e sempre quando falamos de áreas de intervenção tão delicadas quanto a prestação de serviços de saúde.

A par da componente científica pretende-se que o V Congresso da ANL seja um espaço de debate de temas como as políticas que regem o nosso sector, bem como ouvir opiniões de muitas personalidades que acreditamos terem um aporte importante a dar sobre o sector da saúde em geral e do diagnóstico laboratorial em particular.

Quais são as grandes motivações do sector neste momento e como se reflectem no Congresso?

O sector empresarial das análises clínicas deve, no nosso ponto de vista, actuar, acima de tudo com união. Falamos de um sector que tem sido indispensável ao SNS na últimas décadas. O sector privado do diagnóstico laboratorial é um fortíssimo parceiro do Estado e tem sabido estar ao lado das populações garantido proximidade de serviço prestado de forma sustentável. A posição que o sector assumiu como um personagem fundamental da redução da despesa com MCDT preconizada nos últimos 3 anos mantendo qualidade, rede e investimento é disso prova irrefutável. Sendo assim, acreditamos que o foco principal deverá ser ajudar a orientar empresas alinhadas na prossecução de uma política correcta e digna de prestação de um serviço exemplar, para os utentes e lado a lado com as estruturas públicas do SNS. As razões que apresentámos para a aposta neste V Congresso e a qualidade inegável deste programa é um reflexo disso mesmo.

Como caracteriza este programa?

Como um programa muito completo e bem pensado pelo Presidente da Comissão Científica da ANL – Dr. Carlos Cardoso e pelo Presidente do Congresso – Professor Germano de Sousa, e em que o resultado está, julgamos, à vista de todos: temas científicos actuais, e assuntos de natureza mais “política” agregadores de interesse para todos os que pensam e vivem este sector.

Qual a expectativa da ANL para este evento em termos de contacto com os operadores do sector?

Para além da componente de formação que, por si só é sempre muito importante, acreditamos que este congresso permitirá visitar temas que nos preocupam a todos quantos marcamos presença no sector do diagnóstico laboratorial e que nos permitirá pensar e discutir muitos dos aspectos mais importantes que por um lado condicionam a nossa

actividade, mas que, por outro, nos devem mover. Em sùmula, acreditamos que será um sucesso enquanto acontecimento de agregação de profissionais e empresas operadoras, sejam ou não associadas da ANL.

Quais os grandes objectivos da ANL para o próximo quadriénio?

Esta direcção vai certamente continuar o trabalho que foi desenvolvido pela anterior (da qual, aliás, alguns de nós transitaram). Vamos estar muito focados na defesa dos interesses dos associados em particular mas de todo o sector em geral, de forma responsável, construtiva e norteada por uma necessidade imperiosa de pensar o sector de forma sustentável. Entendemos que o sector atravessa momentos menos fáceis e não podemos estar alheios aos esforços que nos têm sido pedidos. Temo-lo feito de forma construtiva e responsável. Mas temos que fazer tudo quanto esteja ao nosso alcance para que o sector também seja respeitado por tudo aquilo que já fez e, fundamentalmente, por tudo aquilo que faz e se propõe fazer no futuro. Muitos operadores investem diariamente de muitas formas diferentes num percurso de aposta na qualidade e dignificação do sector.

Os laboratórios clínicos privados são empresas e, como tal, procuram a geração de algum tipo de retorno financeiro. Esta verdade não deve ser escamoteada mas também não pode ser diabolizada. É legítima. Para isso, os operadores deverão dar-se ao respeito, sempre e de forma unida, no cumprimento escrupuloso das regras legais, comerciais, éticas e de parceria com todas as entidades envolvidas: fornecedores, parceiros, clientes e financiadores (nem sempre são os mesmos). Nesse sentido, a ANL quer continuar a promover a representatividade dos seus associados junto de todas as entidades que nos rodeiam, aumentando a percepção positiva que já existe do sector mas de forma socialmente mais abrangente. Uma associação como a ANL deve estar presente de forma discreta mas convicta.

Quanto for necessário, e da melhor forma possível, deve trabalhar na procura das melhores soluções, não só para resolver problemas de forma reactiva mas para propor soluções proactivamente.

SEXTA-FEIRA

23 de maio 2014
Sala Fénix I / Sala Pégaso

- 14:00  Abertura do Secretariado
- 14:30-16:30 **SIMPÓSIO DIAGNÓSTICO PRÉ-NATAL E PATOLOGIA MOLECULAR**
BENEFÍCIOS DA PREVENÇÃO
Moderador: Dr. David Santos Pinto, Conselho Científico da ANL
INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PAINEL
O cariótipo ainda é necessário na era dos arrays CGH?
Prof.ª Sofia Dória, Serviço de Genética FMP
Deteção de trissomias fetais através do estudo do sangue da grávida.
A Amniocentese ainda é necessária?
Prof. Sérgio Castedo, GDPN
A sequência de nova geração no estudo das doenças genéticas
Prof. José Carlos Machado, IPATIMUP
DISCUSSÃO
- 15:00-16:30 **SIMPÓSIO DA QUILABAN** **SALA PÉGASO**
TUBERCULOSE – CONTRIBUTOS PARA A RESOLUÇÃO DE UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA.
- 16:30-17:00  Pausa para Café
- 17:00-18:30 **TEMA DE ABERTURA**
Moderador: Dr. José Chaves, Direcção da ANL
Política da Saúde e futuro do sector privado no quadro do SNS
Prof. Adalberto Campos Fernandes
- 18:00-19:00 **LIÇÃO DE SAPIÊNCIA**
Moderador: Prof. Germano de Sousa, Presidente do Congresso
Laboratório e medicina baseada na evidência
Prof. António Vaz Carneiro, CEME, FMUL
- 19:00-19:30  **SESSÃO DE ABERTURA DO CONGRESSO**
- 19:30 Actuação de Ana Lains
- 20:00  Jantar do Congresso

SÁBADO


24 de maio 2014
Sala Fénix I

- 08:30-10:30 **MESA REDONDA GESTÃO E GOVERNAÇÃO**
Moderador: Dr. Nuno Saraiva, Direcção da ANL
Sector convencionado, p rincípios desafios
Dr. Alexandre Lourenço, ACSS
Os desafios da ADSE
Dr. Luís Pires, ADSE
Há lugar para a iniciativa privada?
Prof. Fernando Regateiro, FMUC e APEG Saúde
Economia da Saúde: Novas tecnologias e sustentabilidade
Prof. Francisco Ramos, ENSP
Papel da regulação na avaliação em Saúde
Prof. Jorge Simões, ERS
DISCUSSÃO
- 10:30-11:00  Pausa para Café
- 11:00-13:00 **MESA REDONDA QUALIDADE E FINANCIAMENTO**
Moderador: Dr.ª Maria do Carmo Tavares, Direcção da ANL
A qualidade em Saúde tem preço?
Prof. Luis Fábrica, FDUCP
Sector convencionado em Saúde:
Impacto das análises clínicas convencionadas pelo SNS
Dr. Ricardo Mestre, ACSS
A desmaterialização da prescrição electrónica, mito ou realidade?
Eng.º Diogo Reis, SPMS
Tema a definir
Prof. José Carlos Caiado, ISEGI
DISCUSSÃO
- 13:00-14:00  Almoço de Trabalho
- 14:00-16:00 **MESA REDONDA LABORATÓRIOS E DESAFIOS FUTUROS**
Moderador: Dr. Miguel Santos, Direcção da ANL
ANL
APAC
APOMEPA
APIFARMA
OM
OF
- 16:00-16:30  Pausa para Café
- 18:00  **SESSÃO DE ENCERRAMENTO**

SÁBADO
24 de maio 2014
Sala Pégaso

- 08:30-10:30 **SIMPÓSIO DE HEMATOLOGIA**
CONVERSAS EM TORNO DA HEMATOLOGIA
Moderador: Dr Mário Pragosa, Euromedic
- INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PAINEL**
- Progressos recentes na anticoagulação oral:
Aspectos clínicos e laboratoriais
Prof. Ricardo Carvalho de Sousa, CHLN, HSM
- Segurança do sangue. Segurança da transfusão
Dr.ª Gracinda de Sousa, IPST
- Variáveis pré-analíticas nas provas de coagulação
Dr. Marco Marques, Hormofuncional
- Considerações da AEQ no âmbito da hematologia:
Experiência PNAEQ
Dr.ª Ana Paula Faria, INSA
- DISCUSSÃO**
- 10:30-11:00  Pausa para Café
- 11:00-13:00 **SIMPÓSIO DE MICROBIOLOGIA**
RESISTÊNCIAS A ANTIMICROBIANOS
Moderador: Dr. Carlos Cardoso, Conselho Científico da ANL
- INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PAINEL**
- Impacto em Saúde Pública
Prof. Francisco George, DGS
- Prevenção das resistências
Prof. José Artur Paiva, HSJ
- Mecanismos e consequências
Prof.ª Gabriela Silva, FFUC
- A resistência aos antimicrobianos:
Experiência do CHLC
Dr.ª Margarida Pinto, CHLC
- DISCUSSÃO**
- 13:00-14:00  Almoço de Trabalho

SÁBADO
24 de maio 2014
Sala Pégaso

- 14:00-16:00 **SIMPÓSIO DE IMUNOLOGIA**
NOVIDADES EM AUTOIMUNIDADE
Moderador: Dr. Manuel Cirne de Carvalho, OM
- INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PAINEL**
- Miopatias inflamatórias:
Imunopatogénese, valor de diagnóstico e prognóstico de novos marcadores da doença
Dr.ª. Esmeralda Neves, Serv. Imunologia CHP
- Importância da detecção de auto-anticorpos no diagnóstico de doenças neurológicas imunomediadas e técnicas para a sua realização
Dr.ª. Paula Carneiro, Serv. Imunologia CHP
- Apresentação de um caso clínico
Dr.ª. Esmeralda Neves, Serv. Imunologia CHP
- DISCUSSÃO**
- 16:00-16:30  Pausa para Café
- 16:30-18:00 **SIMPÓSIO DE BIOQUÍMICA**
O LABORATÓRIO DE BIOQUÍMICA:
DESAFIOS TÉCNICOS E ORGANIZACIONAIS
Moderador: Dr. João Pedro Ramos, Conselho Científico da ANL
- INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PAINEL**
- Creatinina - Variantes de calibração, algoritmos e índices associados, limites de utilização
Prof. João Tiago Guimarães, FMP, HSJ
- Diagnóstico Pré-Natal -
Uma tarefa multidisciplinar; Novas perspectivas
Dr. Rui Farinha, HSJ
- Ferramentas de auxílio à Gestão -
Filosofia Kaizen e processos associados
Eng.ª. João Castro, Instituto Kaizen
- Reorganização do Laboratório de Bioquímica -
Análise de fluxos e exemplos experimentais
Eng.ª. António SottoMayor, Laboratório Dr. Carlos Torres
- DISCUSSÃO**

LABORATÓRIO PROF. ERNESTO MORAIS: UMA REFERÊNCIA QUE FICA.

O Laboratório de Patologia Clínica Prof. Ernesto Morais faz parte da história das Análises Clínicas em Portugal, tendo sido um dos primeiros a abrir portas na cidade do Porto. Durante seis décadas, foi pioneiro na Patologia Clínica, na Anatomia Patológica e na Medicina Transfusional. José Manuel Morais, filho do fundador, contou-nos a história.

Texto: Cláudia Azevedo
Fotografia: Egídio Santos



Como e quando nasceu o Laboratório Ernesto Moraes?

O meu pai gostava de ser engenheiro para ter uma fábrica, mas, por causa da minha avó, enveredou pela Medicina. Acabou o curso na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto em 1928, com 23 anos. Concorreu a um lugar de médico nos Açores e foi aceite. Antes de tomar posse, foi ter com o professor de Anatomia Patológica, o Prof. Amândio Tavares, que viria a ser Reitor da Universidade, e disse-lhe que gostava de ter alguma prática de laboratório. Ao fim de dois meses de estágio, o Prof. Amândio Tavares convidou-o para ser seu assistente. O meu pai desistiu dos Açores e começou a sua carreira universitária. Aos 28 anos, doutorou-se em Medicina. Aos 33 anos, era Professor Agregado. Entretanto, o professor de Patologia Geral, o Prof. Alberto Aguiar, reformou-se relativamente cedo para ir tomar conta do seu laboratório, que terá sido provavelmente o primeiro da cidade do Porto, na rua da Restauração, e deixou a cátedra livre. O meu pai concorreu e foi catedrático aos 39 anos.

Até ali, o meu pai dedicava-se ao ensino e à investigação e colaborava com o Prof. Amândio Tavares no seu laboratório. Ao ficar com a Cátedra de Patologia Geral, a que estava adstrito o Laboratório Nobre, dedicou-se mais às análises clínicas. Por insistência dos seus colegas, solicitou ao Ministério a possibilidade de executar a sua atividade privada no Laboratório Nobre, mediante determinadas condições.

Quando passou a ter três doentes por dia, entendeu que devia separar as águas daquilo que era o Estado do que era privado. Não queria misturas. Em 1945, saiu das instalações do Laboratório Nobre e alugou umas instalações na Praça Gomes Teixeira (Praça dos Leões), no nº 40, 1º andar. Esse é o embrião da sua actividade profissional.

O Professor Ernesto Moraes foi precursor em várias áreas...

O meu pai estava muito ligado ao sangue e às doenças de sangue, como leucemias e mielomas. Em 1947-48, fundou a Cruzada do Sangue, como uma maneira de fomentar a dádiva benévola de sangue. “Dar sangue é dar vida” foi a frase que lançou a Cruzada do Sangue. Foi o início do que viria a ser o Instituto Nacional de Sangue. Ele foi também das primeiras pessoas no Norte a fazer transfusões de sangue. Havia uma vertente de Imuno-hemoterapia no Laboratório privado, como apoio às casas de saúde privada.

O Laboratório Prof. Ernesto Moraes era, assim, o único Laboratório a nível nacional que tinha as 3 especialidades: a Anatomia Patológica, a Patologia Clínica e Imuno-hemoterapia. Por isso sempre tivemos a componente da urgência. Era preciso trabalhar ao domingo, trabalhava-se ao domingo. Era preciso fazer uma transfusão às 3 da manhã porque o cirurgião estava a operar, nós fazíamos. Esta é uma componente que está muito enraizada na cultura do Laboratório Prof. Ernesto Moraes.



•1905

Nasce o Prof. Ernesto Moraes

1905

•1950

O Professor Ernesto Moraes instala o seu Laboratório na Praça Gomes Teixeira (Praça dos Leões), no nº 40, 1º andar

1950

•1962

O Laboratório adquire o primeiro contador automático

1962

•1966

O Laboratório adquire o primeiro auto-analisador de Química.

1966



Como evoluíram as técnicas, os equipamentos e as possibilidades de diagnóstico?

Antigamente era tudo preparado no Laboratório. Havia uma componente muito manual. Havia dois ou três aparelhos para fazer as leituras. Um dos primeiros aparelhos contadores de células rubras foi adquirido pelo meu pai. Só fazia aquele tipo de contagem. Por volta de 1966/68, o meu pai adquiriu um aparelho Technicon. Foi o primeiro que apareceu, no Porto pelo menos. É o exemplo acabado de como é possível automatizar o trabalho manual.

Havia um conjunto de técnicas e regras que nos permitiam obter hemogramas, contagens de plaquetas, estudos de coagulação... Hoje não. Há kit, faz-se; não há kit, não se faz. Fazer 10 hemogramas ocupava 2 a 3 pessoas durante um dia de trabalho. Agora fazemos 1.200 hemogramas/dia.

A longevidade do Laboratório permitiu que fosse evoluindo na pesquisa de diferentes doenças. Por exemplo, o Laboratório Prof. Ernesto Morais foi, em termos privados, o introdutor da determinação do HLA-B27 para pesquisa de doenças reumáticas.

É óbvio que também houve uma grande evolução em termos da Genética e de Imunologia.

A partir de determinada altura, houve necessidade de fazer todas as análises de ponta, mesmo que perdêssemos dinheiro. Ainda hoje há análises com que se perde dinheiro, como o doseamento do tromboxano.

Os Laboratórios aqui do Norte têm outra componente: os doentes hipocoagulados. A coagulação também começou com o meu pai. É uma escola que deu seguidores e discípulos brilhantes, como o Dr. Rosa Araújo, do Hospital de São João, e o Dr. Benvindo Justiça, do Hospital de Santo António.

•1974

Aquisição de aparelho de fluxo discreto Technicon (AA2)

1974

•1978

As valências de Imunologia, Química e Bacteriologia são transferidas para a rua da Constituição, n.º 2314, no Porto

1978

•1979

Aquisição de aparelho Gemini

1979

•1982

Aquisição à Rank Xerox de dois aparelhos de transmissão de dados (Rua da Constituição e Central)

1982

Como se conquista a confiança nesta área?

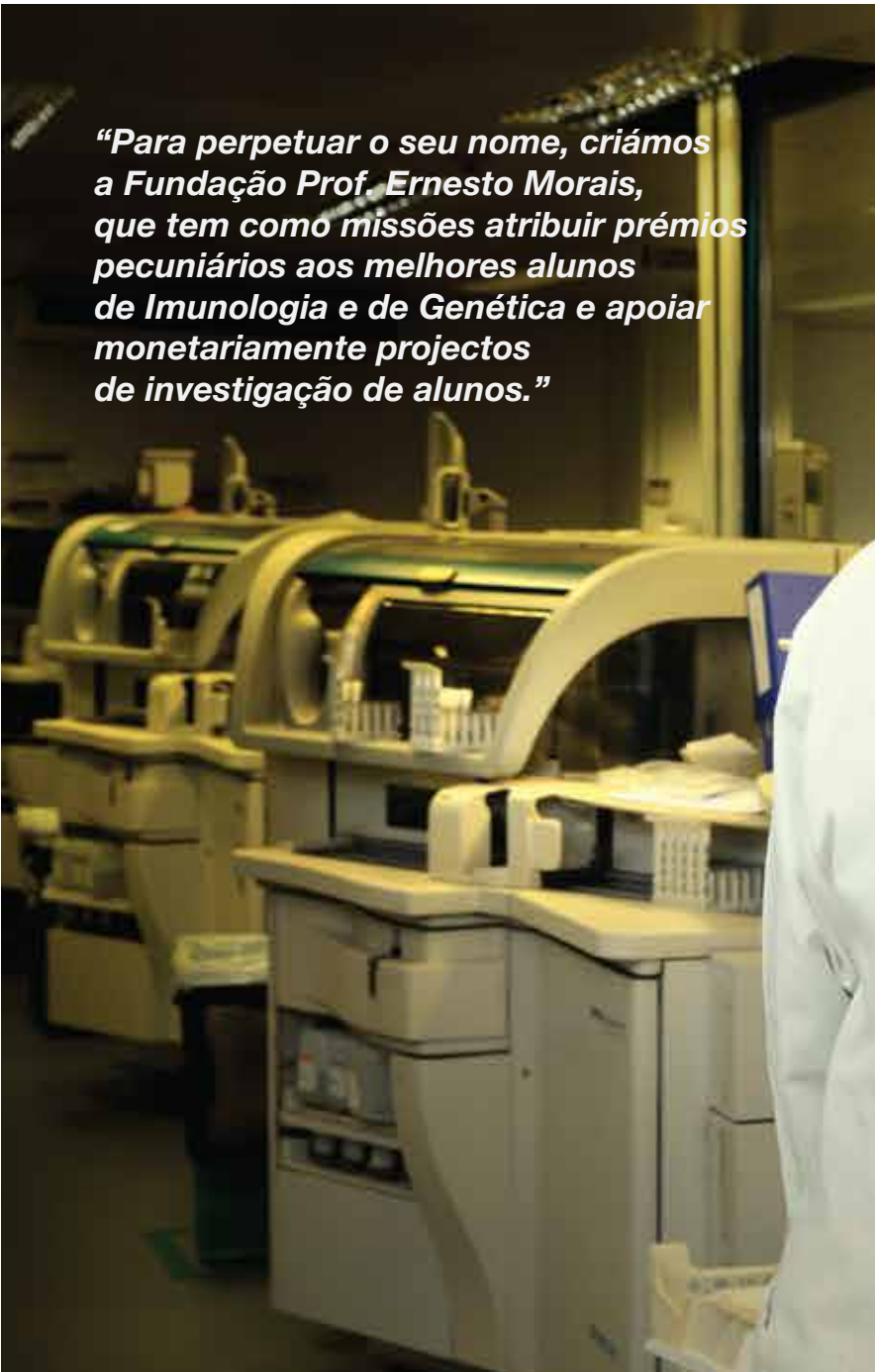
A atitude do meu pai perante as análises privadas era de algum sustento, mas não era de exploração. Nós fomos crescendo porque nos foram reconhecendo qualidade e as pessoas confiavam em nós. Esse foi o espírito de desenvolvimento do Laboratório.

Com muita frequência avançávamos com análises que os médicos não tinham pedido, para os ajudar. Costumo dizer que os exames complementares de diagnóstico são complementares porque ajudam o diagnóstico em 80% das situações. Em 20%, fazemos diagnósticos, sobretudo nas doenças hematológicas. É raro o colega que nos manda uma informação clínica dizendo qual é a suspeita. Enquanto na Radiologia isso se faz, aqui não. Temos de aproveitar o tempo da colheita e aplicar o que é mais correcto em cada pessoa.

Obviamente que com o aumento de pedidos do SNS foi preciso criar mecanismos de automação. No final da nossa existência, tínhamos cerca de 900 doentes/dia e 56% das análises ficavam prontas no final do dia.

O Dr. José Morais seguiu as pisadas do pai. Como foi após o seu falecimento?

Eu gostava de ter sido engenheiro de motores, mas, como havia esta cultura da Medicina na família, também fiz o curso e comecei a trabalhar no Laboratório Prof. Ernesto Morais em 1973. Quando decidi seguir a carreira das análises, o meu pai disse-me: “Fico muito contente, é uma especialidade muito bonita, sai sempre um número, mas a nossa preocupação é saber se esse número está correcto ou não”. Ou seja, a nossa especialidade é interpretar os números e saber o que é que representam.



“Para perpetuar o seu nome, criámos a Fundação Prof. Ernesto Morais, que tem como missões atribuir prémios pecuniários aos melhores alunos de Imunologia e de Genética e apoiar monetariamente projectos de investigação de alunos.”

•1984

Aquisição de sistema informático (Data General)
Aquisição de contador Coulter (Hematologia)

1984

•1986

Falecimento do Prof. Ernesto Morais

1986

•1988

Aquisição de segundo sistema informático

1988

•1998

Aquisição de aparelhos automáticos de urinas e de coagulação

1998



Quando o meu pai faleceu, em 1986, éramos 5 na sociedade: o meu pai, eu, a minha irmã e dois cunhados, todos médicos. De 1986 a 1996, o director foi o Dr. Manuel Ferreira. Eu assumi a direcção do Laboratório em 1996.

Para perpetuar o seu nome, criámos a Fundação Prof. Ernesto Moraes, que tem como missões atribuir prémios pecuniários aos melhores alunos de Imunologia e de Genética e apoiar monetariamente projetos de investigação de alunos.

Gostava de ter feito um Museu, mas precisávamos de espaço e não o temos. Os aparelhos adquiridos pelo Laboratório estão na casa que era do meu pai, assim com a primeira ficha do doente do Laboratório.

A fusão é uma nova época para as Análises Clínicas?

Quando fui para a direcção do Laboratório, tínhamos instalações nos Leões e na Rua da Constituição. Em 2000, passámos para um espaço na Rua da Constituição com 1.200 metros quadrados. Entretanto, fomos abordados pela Unilabs e foi decidido vender o Laboratório. Foi o fim de um ciclo. A crise que se instala obriga a criar mais-valias, dando lugar às fusões.

A partir de 1 de Agosto de 2013, o Laboratório Professor Ernesto Moraes deixa de ter existência legal e os seus colaboradores são fundidos na estrutura do Laboratório Dr. Carlos Torres.

•2000

Mudança de instalações e aquisição de aparelho automático de Bioquímica da Abbott

2000

•2001

Aquisição de sistema informático Appolo, da Confidential

2001

•2003

Aquisição do Tecan (aparelho de separação e aliquotagem das amostras) e de aparelhos automáticos de Hematologia Advia Centauro

2003

•2006

O Laboratório de Patologia Clínica Prof. Ernesto Moraes é integrado no grupo Unilabs

2006

Quais são os principais desafios do futuro?

Eu manifesto uma grande preocupação: sempre dissemos que, a nível hospitalar, as análises são mais caras do que no privado. Parece-me que o Ministério da Saúde quereria externalizar pelo menos parte dos serviços das análises. A minha pergunta é: como vão ser os concursos? Por mais que digam que os processos vão ser transparentes, quais vão ser os itens? Os preços não podem ser fictícios. É muito difícil estabelecer preços porque não há uma comissão para fazer essa avaliação. As coisas devem ser

pagas pelo preço justo para não distorcer o mercado. Também é preciso assumir que determinados exames não são para dar lucro, são para ter prejuízo. Esses ficam no público ou no privado? Hoje temos situações de doentes que têm de ser operados e que têm deficiência de determinados fatores de coagulação. Das duas, uma: ou pagam milhares de euros no privado ou o preço é diluído por todos os portugueses.

Não sei qual é a política que vai ser definida, com ou sem troikas. Preocupa-me é, no caso de haver concurso, como é que isso será feito e quem vai controlar.



•2007

Montagem pela Siemens da WorkCell

2007

•2013

Fusão por incorporação da sociedade "Laboratório de Patologia Clínica Prof. Ernesto de Moraes, S.A." na sociedade "Medicina Laboratorial – Doutor Carlos da Silva Torres S.A."

2013

•2013

Fecho, ao fim de 68 anos de existência

2013



"Esta parceria com a Siemens, cujo objetivo principal é o de melhorar a eficiência, é fundamental porque garante ao cliente a continuidade no funcionamento das suas operações, com o acompanhamento da Siemens, sempre."

Um serviço mais próximo.

Uma parceria estratégica vai permitir otimizar o serviço a laboratórios clínicos por todo o país.

Uma saúde de excelência só é possível quando é garantido um acompanhamento próximo e soluções de qualidade aos prestadores de serviços. No caso dos laboratórios, isso passa por facilitar o acesso a produtos e serviços diferenciadores na área do diagnóstico *in vitro*. Ciente disso, a Siemens Healthcare Diagnostics assinou um acordo de parceria com a Meditecno para ampliar e otimizar o atendimento dos produtos Siemens em laboratórios de menor dimensão por todo o país.

A Meditecno, com experiência reconhecida na área dos meios de diagnóstico, é parceira da Siemens desde 2009. O acordo agora celebrado, explica o CEO da Meditecno Cazaux Afonso, "permite sobretudo um melhor acompanhamento dos clientes". Hoje em dia, os laboratórios "exigem um acompanhamento próximo e um conhecimento médico e científico adequado da parte de quem presta o serviço".

É isso que a Meditecno fornecerá, numa lógica de proximidade e acessibilidade aos laboratórios de menor dimensão, em qualquer ponto do país. A parceria dá à empresa acesso aos equipamentos e soluções Siemens, com a vantagem de uma logística de armazenagem e distribuição baseadas em Portugal – e portanto capazes de responder de forma rápida e eficiente às necessidades dos clientes.

Para a Meditecno, que investiu forte neste acordo, trata-se de uma união de forças. "As vantagens para o cliente são uma maior rapidez nos processos de decisão e uma otimização das entregas", explica o CEO da Meditecno.

"Esta parceria com a Siemens, cujo objetivo principal é o de melhorar a eficiência, é fundamental porque garante ao cliente a continuidade no funcionamento das suas operações, com o acompanhamento da Siemens, sempre".

A perceção dos clientes, aponta Cazaux Afonso, está a ser muito positiva sendo que já se encontram na Meditecno as soluções e o conhecimento da Siemens, com uma capacidade logística mais próxima e eficiente. É o melhor de dois mundos, ao dispor dos laboratórios.



www.siemens.pt/healthcare

na agenda de

GERMANO DE SOUSA

Presidente da Assembleia Geral da Associação Nacional
de Laboratórios Clínicos e Presidente do V Congresso Científico da ANL

Fotografia: Rafael Antunes



É uma figura incontornável do sector das análises clínicas em Portugal. Fundador do Centro de Medicina Laboratorial com o mesmo nome, grande dinamizador do sector, ex-Bastonário da Ordem dos Médicos e fundador e primeiro Presidente da ANL, Germano de Sousa tem já na agenda os grandes eventos mundiais da Medicina Laboratorial que não vai querer perder.

Num ano que promete ser fértil em Congressos e encontros de “grande qualidade e abrangência”, Germano de Sousa vai marcar presença no WorldLab 2014 - 21st International Congress of Clinical Chemistry and Laboratory Medicine. O evento terá lugar em Istambul, Turquia, entre 22 e 26 de Junho de 2014 e é organizado pela International Federation of Clinical Chemistry. Germano de Sousa integra a Comissão

Científica e assegura ser “testemunha da qualidade e do excelente curriculum dos prelectores convidados, bem como da variedade e interesse dos temas e simpósios que fazem parte do Congresso”.

Entre os mais importantes, destaca a conferência do Prof. Hansson, intitulada “Inflammation, immunity and atherosclerosis” e, como não poderá estar presente em todos, conta participar nalguns simpósios. “Não deixarei de assistir no primeiro dia, de manhã, ao simpósio “Epigenetics and Laboratory Medicine”, garante. Nos restantes dias conta participar noutros simpósios como o que aborda os Biomarcadores das Doenças Neurodegenerativas, nomeadamente no Alzheimer, no simpósio sobre “Cancro e Medicina Laboratorial” e no simpósio sobre novos avanços no Diagnóstico Pré-Natal e Pós-Natal, entre outros.

“Formação e vanguarda tecnológica dos laboratórios portugueses estão ao nível do que de melhor se faz no mundo”

Outro destaque vai também para o Congresso da Associação Americana de Química Clínica que terá lugar em Chicago entre 27 a 31 de Julho de 2014. “É já um clássico que os especialistas portugueses conhecem. Para além das conferências principais, inúmeros simpósios, pequenos almoços e almoços de trabalho, só a enorme feira de material de laboratório em que fabricantes de todo o mundo expõem as últimas novidades do sector faz merecer uma ida ao congresso”, explica Germano de Sousa.

Em Portugal os encontros de actualização científica, sobretudo os que dizem respeito à Medicina Laboratorial, têm sido “insuficientes”, defende Germano de Sousa. Para o ex-Bastonário da Ordem dos Médicos, é “obrigatório os laboratórios estarem atentos aos desenvolvimentos e novidades que a genómica, a proteómica, a metabolómica e a farmacogenómica” trazem, acrescentando que “do mesmo modo a biologia molecular e a espectrometria de massa irão gradualmente ocupar um lugar importante dentro dos nossos laboratórios”.

No entanto, começam a acontecer com maior frequência encontros e simpósios relativos a sectores da Medicina Laboratorial, cujo interesse nalguns casos é partilhado com outras especialidades médicas. “Recordo por exemplo que, em breve, terá lugar nos dias 4 e 5 de Abril de 2014 no Hotel Vila Galé em Coimbra a 6.ª Reunião Científica da Sociedade Portuguesa de Química Clínica e Medicina Laboratorial”, sociedade a que preside.

Germano de Sousa realça acima de tudo que, em boa hora, a Associação Nacional de Laboratórios Clínicos (ANL) voltou a realizar o seu congresso o qual terá este ano lugar no Hotel Tivoli Marina, decorrerá nos dias 23 e 24 de Maio e será o V Congresso Científico da ANL. “É um congresso que aborda temas de grande interesse científico como “O Diagnóstico Pré-Natal e a Patologia Molecular” ou as “Resistências a anti-microbianos” mas que não esquece os importantes temas como os que se referem à “Gestão e Governação” ou à “Qualidade e Financiamento dos laboratórios”. O Patologista Clínico considera que este congresso é “fundamental para a actualização científica do sector no que respeita à formação dos Médicos e Técnicos. Vai permitir uma reflexão conjunta sobre o futuro dos laboratórios e sua gestão nesta conjuntura tão difícil que todos vivemos, bem como nos dá a visibilidade e afirmação política e social que o sector necessita”.

É preciso mostrar que ao nível da formação e vanguarda tecnológica, os laboratórios portugueses acompanham o que de melhor se faz em todo o mundo desenvolvido. Para Germano de Sousa, os laboratórios existem para servir o utente e como tal garantem a melhor qualidade nos resultados. No entanto, afirma o ex-Bastonário os “cortes cegos” nas tabelas da ARS e da ADSE, bem como as internalizações que algumas ULS decidiram fazer “sem medir as consequências de tais actos”, põem em causa a sobrevivência de muitos laboratórios, dos postos de trabalho e do nível do serviço prestado. O ex-Bastonário da Ordem dos Médicos deixa claro que “o que está a acontecer não é definitivamente por nossa causa mas sim devido a esse tipo de medidas pouco sensatas que os gestores das ULS e quejandos estão a tomar”.

23-24 MAIO

V Congresso Científico da ANL

O Evento realiza-se no Hotel Tivoli Marina, em Vilamoura. Aborda temas de grande interesse científico como “O Diagnóstico Pré-Natal e a Patologia Molecular” ou as “Resistências a anti-microbianos”, mas também dará destaque a outros como a “Gestão e Governação” ou à “Qualidade e Financiamento” dos laboratórios.

www.anl2014.pt

22-26 JUNHO

21st International Congress of Clinical Chemistry and Laboratory Medicine

Evento terá lugar em Istambul, Turquia, e é organizado pela International Federation of Clinical Chemistry.

www.istanbul2014.org

27-31 JULHO

1014 AACC Annual Meeting

O encontro anual da American Association for Clinical Chemistry terá lugar em Chicago, EUA. Para além das conferências principais, terá também inúmeros simpósios, pequenos almoços e almoços de trabalho. O evento inclui a maior feira de material de laboratório em que fabricantes de todo o mundo expõem as últimas novidades do sector.

www.aacc.org.zz



**JÁ CONHECE
O NOVO SITE
DA ANL?**



Visite em www.anlc.pt

Uma forma fácil de ficar ao corrente
da actualidade do sector.



▲ EXPOSIÇÃO

Os caminhos do Algarve Românico

A exposição convida-nos a ouvir a mensagem que os cidadãos romanos de Ossónoba nos legaram através da escrita na pedra, onde podemos descobrir desde sentimentos íntimos a dedicatórias oficiais da “Respublica Ossonobense” aos imperadores.

Exposição permanente

Local: Museu Municipal de Faro

Mais informações em www.cm-faro.pt



▲ MÚSICA

Festival Internacional de Jazz

A Casa da Cultura de Loulé organiza desde 1995 o Festival de Jazz. A partir de 1996 o evento ganhou uma dimensão internacional, ao incluir no seu programa a participação de alguns dos nomes mais sonantes da cena jazzística mundial e ao acolher significativo número de público estrangeiro.

O Festival decorre no Verão e todas as tarefas logísticas são asseguradas em regime de voluntariado pelos associados e frequentadores da Casa da Cultura, excepto as de carácter técnico específico, que são executadas por profissionais externos.

1, 2 e 3 de Agosto

Local: Parque Municipal de Loulé

Mais Informações em www.ccloule.com



TOURS

Visita às formações rochosas

Com início na Marina de Vilamoura o cruzeiro segue ao longo da costa do Algarve em direcção à Galé. A navegação é efectuada junto às magníficas formações rochosas, falésias, praias, resorts turísticos, vilas piscatórias e a cidade de Albufeira.

Efectua-se uma paragem, onde se poderá mergulhar e nadar nestas magníficas águas transparentes e cristalinas.

Duração: Das 14h30 às 17h30

Percorso: Vilamoura – Albufeira – Vilamoura

Embarcação: Catamarã ou late

Para saber mais, consulte o Programa Social do V Congresso Científico ANL em www.anl2014.pt



thinkstock | anyivanova



TOURS

Sea Fun Combi

Cruzeiro a bordo de um late. Efectua-se navegação total de 37 km junto às magníficas grutas, formações rochosas, praias, resorts turísticos, vilas piscatórias e cidade Albufeira .

Fantástico passeio em semi-rígido rápido à fantástica gruta do Xorino, túneis e outras atracções. Efectua-se uma paragem, onde se poderá mergulhar e nadar nestas magníficas águas transparentes e cristalinas.

Refeição ligeira a bordo (de manhã) , bebida (de tarde).

Manhã: Das 10h00 às 14h00 | **Tarde:** Das 14h30 às 18h30

Percorso: Vilamoura – Galé – Vilamoura

Embarcação: late

Para saber mais, consulte o Programa Social do V Congresso Científico ANL em www.anl2014.pt



thinkstock | Mauro Rodrigues

Fernando Paes Coelho Teixeira

1927-1997



“Combativo”, “inteligentíssimo”, “generoso” e acima de tudo “intelectualmente inquieto”. É assim que Suzana Henriques recorda Fernando Teixeira, “o melhor dos amigos”, e um homem que fica na história não só das Análises Clínicas mas também da própria sociedade lisboeta.

Fernando Paes Coelho Teixeira nasce em Lisboa a 18 de Maio de 1927. Filho do médico Custódio Teixeira, que tinha um pequeno laboratório na Rua Rodrigues Sampaio em Lisboa, teve uma infância comum à época, frequentando a Escola Normal junto de casa na Avenida Almirante Reis e, mais tarde, o Liceu Camões, por onde passariam aliás muito dos futuros notáveis da Lisboa dos anos 60 e 70.

Fernando Teixeira deixou a sua marca no Quadro de Honra do Liceu no seu terceiro ano. Já na altura eram patentes o seu espírito curioso, os seus múltiplos interesses e o seu forte pendor para as disciplinas humanistas.

Na altura de decidir a vocação, era nas Letras que via o futuro, mas acabou por ganhar a imposição paterna. Custódio Teixeira foi claro: curso pago por ele, só o de Medicina.

Foi assim que Fernando Teixeira ingressou na Escola Médica do Campo de Santana, de onde saiu em 1953 para, em 55, se tornar especialista em análises clínicas. Desde o início do trilha profissional, que a vontade de criar algo diferente se manifestava em cada desafio que abraçava. De 1955 a 1963 dirigiu, como Chefe de Laboratório da Faculdade de Medicina de Lisboa, o Laboratório de Investigação Científica da cadeira de Pediatria. Na altura, fazia análises em casa ao filho de Azeredo Perdigão que rapidamente se interessou pelo espírito empreendedor do jovem médico e dessa forma levou a Fundação Calouste Gulbenkian, a que presidia, a equipar o Laboratório de Santa Maria com o que de melhor existia na altura.

Em 62, Fernando Teixeira foi encarregado pela Junta de Energia Nuclear para dirigir a Unidade Laboratorial de protecção contra radiação, e em 67, o serviço de Biologia, cargo que manteve até 1973. No seu currículo fica ainda a organização da Unidade Laboratorial do Centro de Reanimação do Hospital do Rego.

Da passagem pelo laboratório de análises do pai, onde chegou já com “maturidade profissional” e com um percurso próprio, surgiu a evolução natural para a fundação do seu próprio laboratório privado, na mesma Rua Rodrigues Sampaio, onde se mantém até hoje. Foi lá que Suzana Henriques, na altura com 23 anos, conheceu aquele que viria a ser o seu mentor profissional. Para Fernando Teixeira, a amiga seria “o braço direito e também o esquerdo” nas décadas seguintes. Neste laboratório “muito avant-garde”, deram-se passos de gigante para a história das análises clínicas em Portugal.

Entre 65 e 70, tornaram-se especialistas no ultra micro método. Todos os pediatras de Lisboa referenciavam as crianças para a Clínica de Diagnósticos Dr. Fernando Teixeira, que entre o final de 70 e 85, se tornaria o maior laboratório privado da península ibérica.

Para trazer para Lisboa o que de mais recente se fazia na altura, Fernando Teixeira viajava pelo mundo, fazia formações, era insaciavelmente curioso. Numa dessas viagens, Suzana Henriques convenceu-o a trazer para Portugal um Coulter, um investimento à época de 1200 contos. Montante que “dava para comprar um Rolls Royce”, contrapôs Fernando Teixeira, sem que a amiga lhe desse hipótese: “Sim, mas com um Rolls Royce não se fazem análises”. Foi assim que chegou a Portugal o primeiro equipamento do género, mais um marco pioneiro para o Laboratório de Fernando Teixeira.

Das viagens regressava com novidades científicas mas também experiências únicas. Em 61 viajou para Moscovo a convite da Academia de Ciências da União Soviética para participar no Congresso Internacional de Bioquímica. Fernando Teixeira não descansou enquanto não aproveitou a totalidade que a experiência lhe podia oferecer. Sozinho visitou fábricas, andou de metro, almoçou nas cantinas com os operários e foi assistir a um desafio de futebol.

As viagens foram, aliás, uma constante e um deleite para o seu espírito curioso. Londres, Tel Aviv, Paris, Hamburgo, entre dezenas de outros destinos, quase todos os países da Europa e também os Estados Unidos. Não falhava nenhum congresso ou feira internacional de material de laboratório, regressando a Lisboa sempre com novas ideias para levar o Laboratório um passo mais à frente.

Homem de mil interesses, que vivia apaixonadamente, não foi apenas nas análises clínicas que se traçou o percurso de Fernando Teixeira. Entre 1947 e 1951, trabalhou na Rádio Renascença, como produtor de programas. Foi aí que criou o primeiro programa da Rádio Portuguesa dedicado ao Teatro Lírico a que chamou “Ópera para Todos” e que ainda hoje é recordado. Foi cronista para vários jornais entre os quais o Dia, 10 de Junho, A Tarde, O Diabo, Semanário e Diário de Notícias.

A paixão pelos touros, sempre presente, manifestou-se nas suas colaborações com as revistas “Taurologia” e “Clarim Taurino” e na “Novo Burladero”, publicação que dirigiu entre 1980 e 1984. Já em 1990, foi o responsável por um curso de taurologia a convite do Centro Cultural da Terceira Idade do Grémio Lisboense. Concluiu ainda, já perto do fim, o mestrado em Sociologia em que defendeu a tese sobre aspectos culturais relacionados com o Touro Bravo.

Um humanista convicto, era apaixonado pelos prazeres da vida, a boémia lisboeta, os amigos e a música.

Do lar que construiu com Maria Dulce Teixeira, um “porto de abrigo” que o acompanhou até ao final da vida, recordam-se grandes e animados convívios. A paixão pela gastronomia, o vinho, a música, o entusiasmo com que recebia em casa. Natália Correia, Vera Lagoa, entre muitos notáveis da época, faziam parte do círculo de amigos próximos. Teve três filhos, Bernardo, Miguel e Filipa.

Incontornável ainda a maçonaria, a sua causa, um dos grandes pilares da vida de Fernando Teixeira e o culminar do seu percurso humanista. Foi o fundador da Grande Loja Regular de Portugal. Em 1989, é designado Grão Mestre do Distrito de Portugal da Grande Loja Nacional Francesa. Um reconhecimento que permite que em 1991, a Grande Loja Regular de Portugal seja reconhecida internacionalmente e Fernando Teixeira o seu Grão Mestre. É ainda Grão Mestre Honorário “Ad Vitam” da Grande Loja da Roménia e Medalha de ouro da Grande Loja Nacional Francesa.

No livro de memórias editado após a sua morte pelo Centro de Estudos Tradicionais Afonso Domingos, que o próprio havia criado com outros amigos maçons, encontram-se múltiplas e sentidas homenagens. Bill Clinton ou Maria Callas são alguns dos autores de cartões de felicitações ou mensagens de agradecimento que Fernando Teixeira recebeu em vida, de várias partes do mundo, e que os amigos postumamente compilaram em homenagem a um homem que definem como “singular”.

No Laboratório que fundou, diz Suzana Henriques, deixou uma grande saudade, mas não “órfãos”. Era um mentor “amicíssimo do pessoal”, tinha muita confiança e sempre soube delegar. Razão pela qual, quando morreu em 1997, com a idade de 70 anos, Fernando Teixeira tinha na sua Clínica de Diagnósticos um legado sólido e uma equipa que enfrentava o futuro sem receios. Ao encerrar a entrevista que tentou traçar o seu percurso, e porque é de uma publicação dos Laboratórios Portugueses de que tratamos, Suzana Henriques recorda como Fernando Teixeira foi dos primeiros a falar de “sector” nas análises clínicas portuguesas. Já em 1970 ele o fazia. Razão pela qual, acredita, o amigo “aprovaria” a união actual dos laboratórios portugueses, bem como a sua Associação Nacional. “Só vamos a algum lado quando estivermos todos juntos”, repetia muitas vezes Fernando Teixeira.

A sua clarividência revelou-se acertada, o seu percurso continuará a inspirar muitas e muitas gerações futuras.

Redacção, com Suzana Henriques
e Maria Dulce Teixeira.

LABORATÓRIO CLÍNICO NO SISTEMA NACIONAL DE SAÚDE: **PÚBLICO vs PRIVADO**



Por Franklim Marques,

Presidente do Colégio de Especialidade
de Análises Clínicas da Ordem dos Farmacêuticos

Quando se fala em regulação da concorrência entre o sector público e privado a nível de laboratórios de análises clínicas (LAC) tenho para mim, num exercício livre de pensamento, que qualquer noção de regulamentação deve ser norteadada pelo princípio da liberdade de escolha do utente.

Não sendo por natureza um adepto incondicional do mercado livre, uma vez que acredito, como aliás a experiência tem demonstrado, que se deixarmos tudo ao sabor do mercado as coisas acabarão por correr mal, em teoria reconheço que este princípio resolveria todos os problemas relacionados com a regulamentação desta área de atividade, uma vez que, quanto mais não seja, permitiria a escolha racional pelo melhor serviço prestado (englobando aqui o acolhimento, a capacidade de reposta, o tempo, etc.), pela qualidade do trabalho, pela fiabilidade e confiança nos resultados e não pelo condicionamento ou indução da escolha pela entidade prescritora e /ou financiadora.

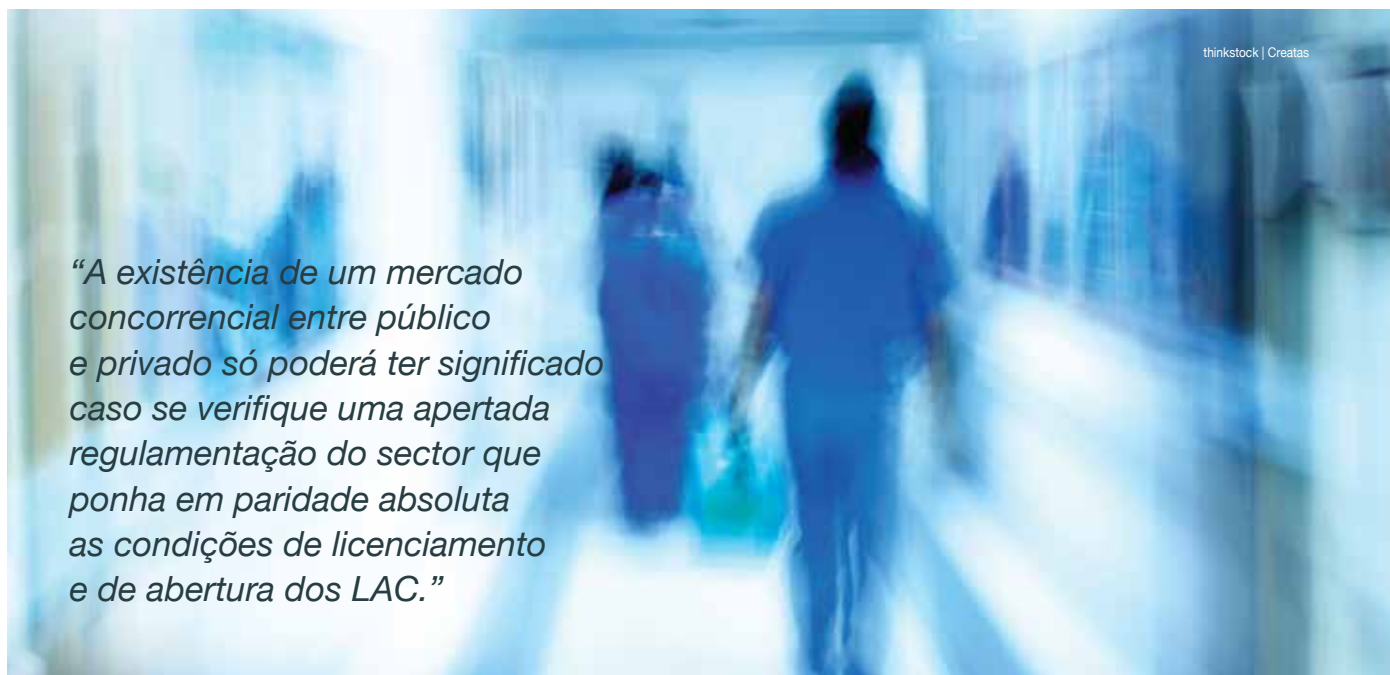
Mas, quando abordo o tema da qualidade englobo igualmente a qualidade técnica e o reconhecimento das competências profissionais de cada um dos membros que constituem os recursos humanos de uma dada instituição de saúde, pública ou privada. E nesta área, a regulação está muito dependente da legislação e das Ordens Profissionais, isto é, em última instância do Estado, porque é o Estado que confere e transfere para as Ordens estas funções.

A gestão de recursos humanos é, aliás, um dos aspectos mais importantes do Laboratório Clínico. De facto, a credibilidade, a confiança e a idoneidade de um laboratório depende muito da qualidade dos seus recursos humanos e, como tal, deve este aspecto ser também objecto de regulação e de regulamentação. Parece-me um verdadeiro contrassenso e um acto discriminatório a não utilização da totalidade das competências conferi-

das por lei e reconhecidas em Portugal e pelos organismos e países europeus dos Farmacêuticos Especialistas em Análises Clínicas pela OF nos distintos laboratórios do Sistema Nacional de Saúde. Como é sabido, no nosso País e de acordo com a lei, apenas podem ser responsáveis pelos Laboratórios Clínicos, os Médicos Patologistas inscritos na OM e os Farmacêuticos Especialistas em Análises Clínicas, inscritos na OF. De facto, somos bons e competentes como especialistas responsáveis e directores técnicos um passo fora da porta dos hospitais públicos, mas dentro somos diferentes.

Se for preciso contratam-se outros profissionais de outros serviços e de outros países onerando ainda mais os serviços. Para além deste desperdício, verifica-se na generalidade uma franca discrepância, um desequilíbrio acentuado entre os custos relativos aos recursos humanos em desfavor dos hospitais e restantes serviços públicos. Se fosse privado, este problema não se colocaria com tanta premência pois os encargos seriam privados, mas a nível público é diferente. A gestão de recursos públicos é sempre mais complicada.

As normas de qualidade e de certificação impostas (ou melhor voluntariamente aceites) aos laboratórios privados não se comparam com as exigíveis ao serviço público. Aqui, como noutros exemplos, a recente legislação francesa, em vigor desde Janeiro de 2011, é muito clara. Os laboratórios quer do sector público quer do privado têm um tempo limitado para todos se acreditarem de acordo com as normas europeias. Ao fim desse tempo, quem não estiver acreditado fica suspenso e perde a licença como operador.



A capacidade instalada, como é vulgo dizer-se, não pode ser factor indutor de discriminação entre público e privado, pois todos os LAC têm a designada capacidade instalada. E se não a tiverem, em dois tempos a conseguem.

Na realidade, esta teoria de fazer análises e ter capacidade instalada porque os aparelhos fazem tudo é muito redutora. Análises clínicas são muito mais do que determinações em produtos biológicos. Têm de ser analisadas à luz de um enquadramento clínico que não se compadece com a execução pura e simples de ensaios. Curioso, alguém em conversa informal, me dizia há tempos, que em termos de qualidade não se preocupava com a existente nos centros de hemodiálise. Dizia ele que todo o serviço era remunerado em função do utente, do doente. Quanto melhor “ele” fosse tratado, maior seria a sua longevidade, e logo mais “lucrativo”. Uma pior qualidade de serviço reflectir-se-ia na perda do doente e como tal na perda de recursos económicos e financeiros. Nas análises isto não é bem assim. No sector privado, se ocorrer um hematoma, se o utente for mal tratado, se os resultados tardarem, etc., o doente nunca mais considerará esse laboratório como “seu”. Mas, nos serviços públicos a lógica é outra. Há uma maior “tolerância”.

Uma vez mais, considero que a liberdade de escolha, com que inicie esta minha intervenção, é o busílis da questão e deve constituir a base de toda a regulamentação que possa existir.

Por isso, uma das melhores maneiras de fomentar a concorrência leal e com base na qualidade de serviços é apostar na defesa das convenções. Parece-me o sistema mais justo. Todos os opera-

dores estarão nas mesmas condições entre si. Se o utente puder escolher o serviço prestado livremente, seja no público seja no privado, a concorrência estará assegurada. Se os hospitais o fizerem bem, muito bem; caso contrário, que se limitem a cumprir bem os fins para os quais foram destinados: cuidar dos seus doentes. Isto pressupõe obviamente que os centros de prescrição não podem funcionar como indutores do prestador de serviços. Isto é, após prescrição o utente poderá utilizar qualquer operador desde que este obedeça a normas, requisitos definidos e verificáveis.

As convenções devem ser estabelecidas preferencialmente (senão totalmente) a nível nacional (o país é muito pequeno) prevenindo a adopção de remunerações diferentes para o mesmo acto praticado (e o risco de situações potencialmente tidas como menos claras). Os laboratórios públicos e privados devem estar situados sobre o mesmo patamar de oportunidades evitando-se, a todo o custo, que os segundos sejam vistos como meros “complementares” dos primeiros. Além do mais somos todos, enquanto cidadãos, do mesmo país.

Em conclusão, a existência de um mercado concorrencial entre público e privado só poderá ter significado caso se verifique uma apertada regulamentação do sector que ponha em paridade absoluta as condições de licenciamento e de abertura dos LAC.

Só assim é possível fazer com que a qualidade e o serviço prestado por cada operador constituam os factores de decisão e de escolha dos utentes.



José Augusto Fleming Torrinha

1933-2014

Foi o primeiro Presidente do Conselho Científico da ANL. Exerceu as suas funções e responsabilidades com grande empenho, simpatia, paixão, humanismo e espírito de equipa, criando profunda amizade com todos os restantes colegas. A secção “Em memória” da próxima edição da revista da ANL irá fazer o justo tributo ao seu contributo para a Patologia Clínica, através do seu riquíssimo percurso bibliográfico e perfil, traçados em discurso directo pelo seu filho, José Luís. Nesta edição, deixamos um apontamento resumido da sua brilhante carreira:

- Licenciado em Medicina pela Faculdade de Medicina do Porto (FMP)
- Professor Catedrático de Imunologia da FMP
- Especialista em Patologia Clínica
- Presidiu ao Conselho Pedagógico da FMP
- Integrou várias Comissões Coordenadoras do Conselho Científico da FMP
- Membro do Conselho Científico da Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação
- Chefe do Serviço de Imunologia do Hospital de São João (HSJ)
- Director do Serviço de Sangue do HSJ
- Presidente do Conselho de Administração do HSJ
- Director Clínico do HSJ
- Director do Departamento de Patologia Clínica do HSJ
- Membro da Plataforma de Observação e Acompanhamento da Saúde da OM
- Docente da Universidade Fernando Pessoa



Novo site ANL

Área reservada para associados

O novo site da ANL, disponível em www.anlc.pt, tem uma área de acesso reservado a associados onde poderá consultar circulares, legislação, pareceres e outros documentos. Se ainda não activou o seu acesso, através dos dados de login que lhe foram enviados automaticamente, deverá fazê-lo para passar a ser sempre notificado/a das actualizações e novos documentos para consulta que a ANL disponibiliza na área reservada do site. No primeiro acesso poderá alterar a sua password, gerada de forma automática. Qualquer dificuldade técnica ou outras questões não hesite em contactar a sede da ANL.

Ficha Técnica

Propriedade:  ANL
associação nacional de laboratórios clínicos

Morada: Av. do Forte, nº 8, 1º - Fração K1 2790-072 Camaxide | **Telefone:** 218545200 | **Fax:** 218545209 | **E-mail:** geral@anlc.pt

Diretor: José Chaves | **Sub-Diretores:** Maria do Carmo Tavares e Nuno Saraiva | **Editor:** Associação Nacional de Laboratórios (Joaquim José Paiva Chaves, Nuno Saraiva, Maria do Carmo Tavares, Miguel Santos, Maria João Godinho Tomaz; António Aguiar Moreira, Rita Carmo Ferreira)

Produção de Conteúdos, Produção Gráfica e Paginação: IUPI Comunicação, Lda.

Colaboraram nesta edição: Cláudia Azevedo, Rafael Antunes (fotografia), Egídio Santos (fotografia), Joana Bernardo e Dina Deus (revisão)

Banco de imagens: Thinkstock | **Impressão:** Ligação Visual, Núcleo Empresarial II, Nave X e Y 2665-698, Venda do Pinheiro | **Depósito Legal:** 3449647/12

Periodicidade: Anual | **Tiragem:** 5.000 exemplares | **Publicidade:** analisesclinicas@iupi.com.pt / 214358854

Isenta de registo na ERC ao abrigo do art. 12º, n.º 1 a) do Decreto-Regulamentar 8/99 de 9 de Junho | **ISSN 2182-5971**



VI CONGRESSO CIENTÍFICO ANL | 2016

ENCONTRAMO-NOS LÁ.





A ANL AGRADECE A PRESENÇA DAS SEGUINTE ENTIDADES NO SEU V CONGRESSO CIENTÍFICO

PATROCÍNIO CIENTÍFICO



SPONSORS

